

“MAIS COTIDIANO QUE O COTIDIANO”, DE ALBERTO PUCHEU, E A NOÇÃO DE CRISE NA POESIA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

« PLUS DE TOUS LES JOURS QUE DE TOUS LES JOURS », PAR ALBERTO PUCHEU, ET
LA NOTION DE CRISE DANS LA POESIE BRESILIENNE CONTEMPORAINE

Dionei Jesus de Souza¹

RESUMO: Quando pensamos na poesia contemporânea brasileira, reportamo-nos aos critérios de *pluralidade* e *mediania*. Para Pedrosa (2008), a *mediania* engloba a não adesão a uma categoria de *excepcionalidade* e *originalidade* diante do poético, constituindo-se uma espécie de escrita do comum em detrimento da *celebrização* de uma dada obra; já a *pluralidade* se refere à multiplicidade de tendências com “um esvaziamento dos dispositivos tradicionais de legitimação do poético.” (Pedrosa, 2008, p. 41). Muitos críticos aludem ao consenso de que a poesia atual está impregnada por uma noção de *crise*, tanto em termos formais (o que remeteria a uma crise do verso) quanto no que tange ao que Florencia Garramuño qualifica como *inespecificidade estética*. Essa última qualificação nos levaria à discussão das fronteiras entre o poético e o extrapoético. Dito isso, o presente artigo tem por propósito evidenciar o movimento de alguns poemas de Alberto Pucheu, extraídos da obra *Mais cotidiano que o cotidiano* (2013), em torno de algumas questões acerca de um gesto de escrita da poesia contemporânea.

Palavras-chave: Poesia; contemporaneidade; Alberto Pucheu; crise, inespecificidade.

Resumé: Quand on pense à la poésie brésilienne contemporaine, on se réfère aux critères de *pluralité* et de *médium*. Pour Pedrosa (2008), *médium* englobe la non-adhésion a une catégorie d'*exceptionnalité* et d'*originalité* face au poétique, constituant une sorte d'écriture du commun au détriment de la *célébrité* d'une œuvre donnée; *pluralité* renvoie à la multiplicité des tendances avec «un vidage des dispositifs traditionnels de légitimation du poétique.» (Pedrosa, 2008, p. 41). De nombreux critiques font allusion au consensus selon lequel la poésie actuelle est imprégnée d'une notion de *crise*, à la fois en termes formels (ce qui ferait référence à une crise du vers) et en ce qui concerne ce que Florencia Garramuño qualifie de *non-spécificité esthétique*. Cette dernière qualification nous amènerait a discuter des frontières entre le poétique et l'extrapoétique. Cela dit, le but de cet article est de mettre en lumière le mouvement de certains poèmes d'Alberto Pucheu, extraits de l'œuvre *Mais cotidiano que o cotidiano* (2013), autour de quelques questions sur un geste d'écriture de la poésie contemporaine.

Mots-clé: Poésie; contemporanéité; Alberto Pucheu; crise; non-spécificité.

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL - Literatura, Cultura e Tradução. Professor do Governo do Estado do RS.

Introdução

Quanto à poesia contemporânea brasileira, no geral, intuímos uma produção expressiva em termos de quantidade de escritores, não obstante, não podemos asseverar que teríamos algum escritor que se sobressaia sobre os demais. Com isso, surge o conceito de *mediania* apontando para a diversidade de textos poéticos com pautas políticas variadas, expressas formalmente através da pluralidade de recursos, entre os quais, situamos a *crise do verso* com a inserção da prosa na poesia.

O processo de absorção e fundição daquilo que tradicionalmente não cabia ao poético nos encaminha para o conceito de inespecificidade da arte contemporânea em Garramuño (2014), dado que, com frequência, percebemos uma inclinação da poesia contemporânea de conjugar suportes e materiais variados, como um modo de “elaborar uma linguagem do comum que propiciasse modos diversos do não pertencimento. Não pertencimento de uma arte em particular, mas também, e sobretudo, não a uma ideia de arte como específica.” (Garramuño, 2014, p. 3). A presença dos arranjos poéticos citados na obra pucheuneana já é reveladora da diversidade de recursos de que se vale o discurso poético contemporâneo que o torna, como pontuara esta estudiosa, *inespecífico* e alinhado a uma *linguagem do comum*, de modo que não é mais produtivo e viável particularizarmos a poesia pelo que esta tem de peculiar em relação a outras linguagens, por exemplo. O movimento passa a ser contrário: o poético absorverá outros discursos, inclusive extraliterários, além da mistura de gêneros e interesses variados, como narrativa/poesia, discurso poético/discurso filosófico, papel do escritor/papel do crítico, linguagem poética/linguagem referencial, entre outros, fundindo-os em seu processo criativo.

De acordo com Britto (2014) e Alferi (2013), entre os desafios propostos pela poesia da contemporaneidade, temos a questão da problematização do verso, não significando exatamente a sua exclusão. Nesta mesma esteira, como propõe Malufe (2012), a crise do verso “não remete a uma extinção do verso ou sua substituição, mas sim, a um estado inquieto, indeciso, tenso, agitado no interior do próprio verso.” (Malufe, 2012, p. 451). E tal estado convida a prosa a invadir a poesia, sobretudo, em se tratando dos poemas de Alberto Pucheu, em que notamos, declaradamente, a convivência de linguagem prosaica, com a sua marcha narrativa concomitante a momentos demarcadamente líricos, sobretudo nos poemas que carregam a temática amorosa, na secção poemática intitulada *Mais cotidiano que o cotidiano*, além do poema que abre o livro que, em suas primeiras secções, dialoga, ainda que subversivamente, com a tradição do lirismo instituído (em que a poesia comumente se opõe à prosa) com a exploração de recursos variados que serão pontuados na análise dos poemas posteriormente. Na contemporaneidade, não temos com o imbricamento da poesia à prosa uma descaracterização do poético. Trata-se, pois, de uma abertura da poesia contemporânea a meios expressivos plurais de configuração do fenômeno poético em que passam a ser postos em xeque um modo específico se de conceber a poesia enquanto linguagem predominantemente ornamentada ritmicamente e estruturada formalmente com uma roupagem específica própria do lírico em oposição à prosa.

Poesia e resistência: a experiência do poético em diálogo com o cotidiano reconstituído no

espaço poético

O poema de abertura da obra *Mais cotidiano que o cotidiano* se intitula *Tow-in* e se subdivide em cinco seções. As quatro subdivisões iniciais mantêm a aparência de uma escrita arquitetada em versos de métrica variada ao preservar o verso, enquanto categoria demarcada visualmente. No entanto, na última seção, intitulada “Arranjo em busca de um paradigma para a relação entre o crítico literário e o poeta”, percebemos a imersão total da prosa no discurso poético. Esta convivência entre prosaísmo demarcado superficialmente nas páginas da obra e a presença de versos que se alternam ou mesmo se mesclam à prosa é uma das variáveis contemporâneas da poesia de Alberto Pucheu. Isso redimensionará a ideia que se teria, a princípio, de poesia, concebida tradicionalmente como texto exclusivamente escrito em versos com padrões ritmos estabelecidos.

O referido poema anunciado no início do parágrafo anterior é paradigmático desta assertiva, conforme veremos. A arquitetura deste, por conseguinte, ao valer-se do recurso poético do paralelismo sintático, já prepara a temática por via metafórica que será desenvolvida posteriormente, relativa ao enfrentamento necessário à existência, ao relacionar os obstáculos diários com os quais nos deparamos cotidianamente com a coragem exigida pela prática esportiva do surf radical, na modalidade do Tow-in. Aparentemente, no poema serão descritos os desafios impostos pelo esporte, todavia, a sua linguagem figurada, indexada na exploração de sua expressividade, revelará o emprego de recursos estilísticos variados. Vejamos estes versos que revelam a temática anunciada através da recorrência de certo padrão formal que se mantém, figurado no paralelismo com a repetição de estruturas e ideias:

É preciso aprender a ficar submerso
 Por algum tempo. É preciso aprender.
 Há dias de sol por cima da prancha,
 Há outros, em que tudo é caixote, vaca,
 5 **caldo**. É preciso aprender a ficar submerso
 [...]

é preciso a aprender a ficar submerso
é preciso aprender a ficar lá embaixo,
 10 no círculo sem luz, no furação da água
 que o arremessa ainda mais para baixo
 onde estão os desafiadores dos limites
humanos. É preciso aprender a ficar submerso
 por algum tempo, a persistir, a não desistir,
 15 *a não achar que o pulmão vai estourar,*
a não achar que o estômago vai estourar,
 (Pucheu, 2013, p.11, negritos e itálicos nossos)

Os versos, transcritos em sua continuidade, se constituem em uma única estrofe. Aparentam certa regularidade métrica que não se mantém, oscilando entre versos que ultrapassam as dez sílabas métricas. Percebemos a repetição constante de estruturas associadas ao paralelismo que se constitui, mormente, nas sentenças destacadas em itálico, além de outras reveladoras do recurso formal da anáfora, na repetição do verbo “há”, nos versos 3 e 4 maiormente. Ademais, muitos versos repetem-se na íntegra, o que concorre para o sentido advindo a partir da leitura do poema, qual seja, a necessidade de reiteração de uma atitude

proativa diligente diante dos obstáculos que precisam ser enfrentados com bravura e desembaraço por todos. Ainda que no poema sejam contextualizados a realidade esportiva e os desafios desta atividade, no sentido de testar os limites de resistência humana, as estruturas subordinadas constituídas por orações reduzidas apontam para o interlocutor da mensagem poética.

O “enjambement” é bastante recorrente neste poema, principalmente através da versura, como se pode observar entre os versos 4-5, 6-7 e 13-14. Com este recurso observamos que o verso se impõe enquanto realidade demarcada, estabelecendo aquilo que Agamben destacada como a possibilidade do enjambement se constituir “o único critério que permite distinguir a poesia da prosa.” (Agamben, 2002, p.142). Constituído de versos brancos e polimétricos, recurso formal ordinário para a poesia contemporânea, o poema supracitado evidencia esta faceta da poesia de Pucheu com versos saltitantes e interruptivos que em “infinitas possibilidades pupulam em horizonte aberto, em um abismo, em um silêncio” (Pucheu, 2009, p. 30), naquilo que o poeta define como a suspensão do pensamento proporcionado pela *versura* e pelo *enjambement* em contraste ao fluxo da linearidade contínua da prosa, com a qual também convivem muitos poemas do autor.

Nesse sentido, no que se refere ainda ao poema inicial, a submersão significaria, num primeiro plano de leitura, o ato em si intrínseco à atividade esportiva aludida que exigiria a perícia e a força de quem a ela está submetido para, a partir dela, emergir. Em um nível mais abstrato de leitura, a aprendizagem da submersão está associada, além do próprio fazer poético - conforme já fora pontuado - a uma atitude diante da vida que requer o esforço, a aprendizagem e a busca de alternativas para lidar com as demandas cotidianas que são associadas no final da segunda secção poemática, intitulada “Tow-in”, ao temor e a uma atitude de reação em torno de uma atitude de enfrentamento. Nas palavras do eu lírico, em um processo comparativo, a vida também se institui em perigo (atos de violência e terrorismos anunciados em outros poemas - pauta política evidente na poesia de Pucheu), que o desafiam mais que a prática esportiva, conforme sugerem os versos:

Temo os 30 metros que me cobrem
(e o bafo que se estente por 100 metros)
Mas temo muito mais,
As coisas mesquinhas da vida.
(Pucheu, 2013, p. 15)

Sendo assim, a primeira secção do poema inicial “Tow-in” é uma contextualização da prática do surf praticado em altas ondas, já com alguns índices de que o esporte será associado ao exercício poético, inicialmente, além de coadunar-se inevitavelmente aos desafios impostos pelo cotidiano.

Voltando ao poema “Tow-in”, de forma metafórica, conforme poderemos vislumbrar com a análise de alguns trechos dos poemas de Pucheu, a caracterização esportiva se estenderá à natureza do poético. Na subsecção intitulada “Como eles, mas diferente”, há um divisor de águas onde o eu metaforicamente evidencia tal aproximação. Observemos os versos:

Sigo o que eles seguem, mas,
Embora afeito às águas,
Meu ambiente é outro. É às palavras que,

Acordado ou dormindo, me submeto,
Elas me traduzem muitas vezes em altos volumes
Com erros que tomam provisoriamente como direções.
(Pucheu, 2013, p. 18)

Neles, em se tratando da contemporaneidade, o poema também englobará um *surf de palavras*, na medida em que os poemas também estejam empenhados com a discussão de determinadas pautas políticas, que exigirão um trabalho estético em que a poesia se tornará o espaço de revelação do sentimento de impotência diante das amarras do poder as quais aniquilam as condições de existência, porém, simultaneamente, a matéria poética será fruto de um trabalho com a linguagem conectado politicamente ao cotidiano, como revelam a continuidade destes versos, que se agregam àqueles já transcritos:

Escuto-as nas muitas mesas vindas de amigos
[...]
Com elas consolo o desconhecido
que passa na rua com os olhos cheios de lágrimas
tentando também com elas tirar a tristeza do outro
e, sempre que ocorre, igualmente de mim,
por elas me deixo analisar em busca
de um caminho que me livre de algumas repetições
[...]
por elas ganho uma sobrevida e perco o que haveria
para ser perdido, com elas ensaio um itinerário.
(Pucheu, 2013, p. 18)

Essa conexão da poesia de Pucheu com o cotidiano à feição do discurso da crônica será intensamente desenvolvida no transcorrer da obra, sobre perspectivas temáticas variadas. Sua poesia estará ligada às realidades cotidianas descritas, seja através dos poemas que discorrerão acerca da violência, de uma forma geral, indexada a geografias variadas, enquanto expressão de uma face destrutiva da humanidade, ou ainda na tematização da vertente amorosa com a presença da luta pela permanência do amor que tende a esvaecer-se.

Por fim, há outro movimento na poesia de Pucheu, que diz respeito à discussão da relação entre exercício poético e filosofia, ou mesmo entre as possíveis conexões entre o poeta e o crítico literário. Isso se dá logo que o *eu* viaja pela história da filosofia, com Platão, entre outros, relacionando as suas leituras à sua experiência de estar de lazer no Vale do Socavão. Ademais, ao revisitar o cânone de alguns escritores como Borges, Kafka, por exemplo, que são referendados em alguns poemas, além de alguns críticos como Marjorei Perloff e Keneth Goldsmith, a poesia se abre ao exercício metaliterário ao discutir questões variadas, sugerindo o movimento de construção poética com a alusão ao critério produtivo da intertextualidade, entre outros aspectos.

A poesia de Pucheu, inicialmente é associada a uma atitude exigida diante do esporte descrito que serve de preparação, aprendizagem para o leitor lidar com o adensamento do cotidiano referente ao Rio de Janeiro: espaço demarcado na narrativa com a descrição da agitação das ruas e conversas entre surfistas, além de outras referências. O espaço poético, porém, transita por ambientes plurais, quer por espaços urbanos com a descrição de cenários citadinos e da orla marítima carioca; quer na referência ao regaço natural, sobretudo na alusão ao Vale do Socavão, que convida a relação entre filosofia, poesia e apreciação do espaço natural.

Percebemos sobremaneira tal aspecto no poema intitulado “Anotações de turismo e lazer” em que Platão é motivo para discussão a partir de uma viagem para “ciudad Del este”, a partir das categorias de verdade e falsidade. Sua poesia também empreende uma viagem para além de qualquer fronteira geográfica exata, ao partir de um contexto de referência pontual, em que se percebe com clareza o cenário do Rio de Janeiro e do seu cotidiano para discutir certas pautas políticas que são universais, como amor/desamor, violência, entre outras.

Marcos Siscar (2010), no texto de apresentação de seu livro ensaístico “Poesia e crise-Ensaio sobre a “crise da poesia” como topos da modernidade” pontua que

a autonomia desejada pela poesia não é aquela que a isolaria da realidade intolerável, mas aquela que de fato lhe fornece recursos para carregar e suportar os paradoxos de sua inscrição na realidade, atribuindo-lhe a condição de discurso histórico que denuncia, inclusive, as ficções paradisíacas da cultura como identidade entre forma e experiência. (Siscar, 2010, p. 10).

Essa avaliação do estudioso dialoga diretamente com a abrangência do lirismo expresso no livro de poemas em análise. Várias seriam as realidades intoleráveis retratadas através dos poemas que diriam respeito às pautas políticas suscitadas com a obra. Entre elas, poderíamos elencar a inconstância amorosa e a fuga do amor, o discurso de ódio, os desafios de enfrentamento cotidiano diante de tudo o que nos tenta aniquilar, a violência propriamente dita, representada por atos de terrorismo, além das más condições de existência, desigualdades entre classes, qualidade do transporte público, entre tantas outras demandas cotidianas.

Outra vertente presente nos poemas lidos, ao longo da obra, diz respeito à sondagem interior do eu que se encaminha à sondagem ontológica. Partindo da filosofia e de mitos, de acordo com os presentes na tragédia grega, como o de Édipo, a poesia ensina que a identidade é algo sempre fluído na medida em que novas indagações sempre surgem e a surpresa diante da natureza ontológica se instaura, como sugerem os versos do poema intitulado “Édipo e o enigma” (I) e do poema “Ponto cego: da força e da fraqueza de nosso tempo” (II), respectivamente:

(I) Sim, Borges, é certo nós sejamos
Édipo: um dia tudo se revela
À nossa frente e toda vida mostra-se
em um instante o que já mais pensamos
ser. O que éramos já não somos, somos
o que jamais imaginamos ser.
O íntimo ser torna estranho, o estranho
Se torna o em que nos transformamos, juntos

(II) “Quem somos?”
perguntam aos poemas
em busca de uma resposta
que complete a pergunta
[...]
Mas os poemas repetidamente
Respondem que somos
aquilo em que nos perdemos

ao buscarmos encontrar
o que acreditamos ser
(Pucheu, 2013, p. 84-85)

Ambas as estrofes versam acerca da indagação sobre uma suposta busca de identidade por parte de cada ente humano. Mais do que certezas, os poemas revelam um *ponto cego*, ou seja, não encerram certezas, e a linguagem poética, nesse sentido, tal qual a vida, incita a dúvida e a busca de sentidos que vão além da leitura das aparências de uma dada realidade. Destarte, a poesia contemporânea, em Pucheu, se revela como o espaço de linguagem em que a leitura do cotidiano se dá para além de um retrato deste. É o descrevendo em sua superfície que a lente do poeta o perfura e o desnuda para além do relato trivial. Em Pucheu, o cotidiano aludido é mola propulsora para uma compreensão plural daquilo que estagna e cerceia o humano, impondo-lhe limites para viver com plenitude. Ao transpor o cotidiano carioca em matéria poética, Pucheu faz mais do que sintetizar arranjos sobre a vida dos surfistas, suas manobras radicais ou mesmo retratar o dia-a-dia, o movimento das pessoas e a realidade esmagadora do transporte coletivo vivenciado por muitos em grandes centros urbanos. Mais do que respostas, nos deparamos com uma obra que nos golpeia com várias perguntas para as quais não elaboramos respostas estáveis e nem o exercício poético as garante. Talvez o que a poesia nos possibilite é um sacudimento diante daquilo que ela apresenta, fazendo ler a realidade cotidiana para além de sua inóxia aparência.

A esse respeito, Rafael Zacca, em resenha escrita para a revista Usina, sobre a obra, em janeiro 2015, comenta que

Mais cotidiano que o cotidiano sugere muitas perguntas. Ao imergir no cotidiano (subst. m.) para extrair dele, como em uma mina, o que seria mais cotidiano (adj.) que o tal, Alberto Pucheu assume a difícil tarefa de imergir na água grossa que nos cerca todos os dias. Não é por acaso que o livro começa com uma espécie de iniciação: “É preciso aprender a ficar submerso / por algum tempo. É preciso aprender.”¹ *Tow-in*.² O poeta se/nos reboca para dentro da onda que evitamos todos os dias.

Esse comentário, exposto na revista sobre a obra de Pucheu, dialoga com um denominador comum acerca da diversidade da poesia contemporânea, apontado por Maulpoix (1999). Em estudo intitulado “La poésie française depuis 1950”, Maulpoix situa a conexão entre linguagem poética e o privilégio da realidade como material poético. Nas palavras do autor, existe

Autre point commun: l’importance accrue du rapport au réel. Pour certains il s’agit simplement de privilégier la réalité comme substance première de l’écriture poétique que ira puiser sa nourriture dans le prosaïque, le presente historique, le quotidien. Pour d’autres, Il s’agit de la volonté, déjà formulée par Rimbaud, de parvenir à une “poésie objective”, ou du “réel absolu”, selon l’expression de René Char, délivrée de l’empriese de la subjectivité. Pour d’autres encore, tels Yves Bonnefoy, CE rapport au ‘réel’ marque la volonté de retrouver dans le mots le “sentiment de la présence.” (Maulpoix,1999. p. 4).

Pelos trechos de poemas até o momento transcritos, além de outros que serão citados, percebemos um movimento da poesia de Pucheu em torno de um trabalho com o real, com o cotidiano propriamente dito. Esse movimento advém dos arranjos feitos a partir do modo como a voz enunciativa dos poemas desnuda o seu processo de escrita (anotações do cotidiano observado pela escuta e leitura), no qual percebemos a primeira constatação feita na citação de Maulpoix, qual seja o *privilégio da realidade como substância primária de escrita poética que se alimenta do prosaico, do presente histórico, do cotidiano* (tradução nossa).

Mais cotidiano que o cotidiano se torna uma ficção que incorpora o papel também de crítico literário do qual igualmente se vale o escritor Pucheu. Com isso, ao tratar do cotidiano o poeta está a discorrer acerca do sentido da contemporaneidade. E esse exercício a que o leitor é submetido, como cita Zacca, revela um olhar para a contemporaneidade a partir do que nos direciona Agamben (2009):

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e ao mesmo tempo dele toma distância; mais precisamente, esta é a relação com a tempo a que este adere através de uma dissociação e de um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos por exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (Agamben, 2009, p. 59).

O escritor, ao tratar da realidade temporal presente com perícia, buscando entrever as fissuras desta temporalidade, deixa transparecer o espelhamento entre o poeta e o crítico que estão imbuídos desta tarefa e, para fazê-lo, expressam através de uma linguagem poética que evidencia o leitor de poesia e o conhecedor desta tradição instituída que o é Pucheu. O poeta faz uso desta tradição para a partir dela transmutá-la numa espécie de alquimia onde a prosa e o verso convivem entre si ao mesmo tempo em que se fundem, não se sabendo onde termina um, nem onde começa o outro exatamente.

Da diversidade de fragmentos dispersos do cotidiano em e-mail, imagens, vozes para além do eu

Do primeiro poema da obra, a seção V constitui aquilo que Pucheu define como arranjo em seu trabalho poético. Valendo-se do trabalho colaborativo entre surfista e o seu piloto na prática do Tow-in, o arranjo consiste na coleta de fontes variadas a partir de falas dos surfistas ou informações extraídas de livros ou filmes. Esse se estrutura na forma argumentativo-descritiva entregando-se ao exercício da prosa para problematizar a relação intrínseca entre o crítico literário e o poeta, que trabalham de forma cooperativa. Fazer poesia em Pucheu consiste também em, além de acolher a prosa como forma de expressão do poético, considerar a poesia como forma de se discutir a natureza do fenômeno literário (traço metaliterário). Com isso, um aspecto crítico se associa ao fazer poético em que o crítico literário se expressa pela voz do poeta, sobretudo quando os poemas de Pucheu discutem o processo da intertextualidade como algo inerente à constituição do literário.

Neste arranjo, intitulado “Arranjo em busca de um paradigma para a relação entre o crítico literário e o poeta” temos a fala de um surfista que argumenta acerca do modo como o

esporte funciona e, sintomaticamente, aproximamo-nos à figura do poeta. O trecho a seguir corrobora o funcionamento deste arranjo enunciativo em que é exemplificada a cumplicidade necessária entre surfista e seu piloto, com a fala explícita do piloto:

Eu e Jeff nos tornamos parceiros este ano. Com o meu conhecimento e com a experiência dele em ondas decidimos que seria um casamento perfeito. Saber como rebocar alguém para dentro da onda grande, saber como posicioná-lo... É algo tridimensional agora: temos homem, máquina e onda. No surfe de remada, você depende de suas habilidades, de sua capacidade de julgar a onda para decidir onde se posicionar e qual onda pegar. (Pucheu, 2013, p. 22).

Oliveira (2009), ao falar dos arranjos frequentemente empregados por Pucheu, diz que “a partir do momento em que se desloca a fala de seu lugar comum e insere-se esta fala no espaço de criação poética, cria-se uma perturbação tal qual a presente na paradigmática obra *Fountain*, de Marcel Duchamp.” (Oliveira, 2009, p. 188). Do mesmo modo, para Klinger (2018), a apropriação de elementos extraliterários na fundição dos poemas se expressa através do “uso do documento que se insere numa estética não documental, numa montagem heterogênea de materiais, que em boa medida resulta num procedimento em que a poesia seria como uma lente que deforma o real (Klinger, 2018, p. 24). A seção quinta do poema “*Tow-in*”, da qual faz parte o último excerto extraído da obra de Pucheu em foco, evidencia a deformação deste real, posto que a partir da interdependência entre o surfista e o piloto que o guia (arranjo elaborado a partir da fala de surfistas), vislumbramos a interconexão entre o trabalho do escritor e do crítico literário, imbricação reivindicada por Pucheu. Monteiro (2017), a esse respeito, pontua que “Pucheu não desmerece o ardor do ofício crítico, mas acredita que a crítica literária pode galgar o mesmo estatuto de qualquer outra escrita artística.” (Monteiro, 2017, p. 255).

O “Arranjo em busca de um paradigma para a relação entre o crítico literário e o poeta”, além de ser elucidativo da adjunção do lirismo de Pucheu à prosa, também mostra que o exercício poético extrapola os limites de um *eu* poético autocentrado a partir do qual a enunciação lírica se instauraria. É como se o eu lírico deixasse que a sua voz fosse substituída pela enunciação do outro, desta alteridade que é recolhida, e os poemas passam a ser arranjos, formas de combinação destes fragmentos do cotidiano (escuta de conversas cotidianas, relatos escritos por-emails, informações extraídas de filmes ou livros, etc.) que são absorvidos e transmutados na poesia de Pucheu.

A esse respeito, Bourriaud (2009), ao tratar do conceito de pós-produção, afirma que “[d]e fato a apropriação é a primeira fase da pós-produção, não se trata mais de fabricar um objeto, mas de escolher entre os objetos existentes e utilizar ou modificar o item escolhido, segundo uma intenção específica.” (p. 22). Em se tratando dos poemas de Pucheu, os arranjos em certa medida revelam esta característica de uma poesia que se funde com os fragmentos de uma linguagem viva cotidiana (objetos referentes), que se tornam funcionais (*instalações*) na forma como operam na poesia pucheuneana. Não se trata de simples colagem, reprodução de extratos deste cotidiano em transcrição de conversas entre surfistas, e sim de fundição destes itens à matéria poética, na qual, aos moldes do que propõe a estética de Duchamp, o material absorvido adquire uma funcionalidade estética, diferente de sua função primária. Como exemplo, citamos a incorporação do e-mail à composição da linguagem poética como forma de imbricamento entre literatura e linguagem ordinária. Em poema intitulado “O livro de hoje do amor”, vislumbramos a presença aparente de e-mails cujo suporte traz a materialidade digital,

porém, a partir deste recurso de incorporação de um elemento a princípio exterior à poesia, como fator constituinte de sua natureza, a mensagem do e-mail converte-se em linguagem poética, como podemos notar na secção III desse poema:

..... Original Message
From: Cláudio Oliveira
To: Renato Rezede; Alberto Pucheu; caio meira (uol); Francisco Bosco
Sent: Monday, September 15, 2008 5: 52 PM
Subject: Separação

ah, quando dois corpos se unem e não se separam imediatamente depois, quando dois corpos se unem e permanecem ligados por um tempo, como é difícil separá-los depois...

..... Original Message
From: Alberto Pucheu
To: Cláudio Oliveira; Renato Rezendd; caio meira (uol). Francisco Bosco
Sent: Monday, September 15, 2008 6: 27 PM
Subject: Re: separação

Quando dois corpos se unem e não se separam imediatamente depois, quando dois corpos se unem e permanecem ligados por um tempo, quando, depois da união e da permanência da ligação, é tão difícil separá-los, talvez seja porque não chegou o momento de os separar, talvez seja porque os corpos, ainda estejam unidos e, dada a dificuldade de separação não desejando se separar imediatamente [...]

Gostaria de convidá-los a visitar meu site:

www.albertopucheu.com.br

apucheu@gmail.com

(Pucheu, 2013, p. 95-96)

O poeta utiliza-se do suporte do e-mail, desta tecnologia comunicacional para a partir dela produzir poesia. Em vez de um diálogo predominantemente referencial entre emissores e destinatários da veiculação de uma dada mensagem, com um fim estritamente pragmático, o recurso expressivo do e-mail constitui-se, ao migrar para a poesia, em exploração estética do tema amoroso. De modo que a transcrição da troca de e-mails encerra o exercício de um olhar poético sobre a separação amorosa, com a elaboração de uma linguagem reflexivo-poética acerca do sentido do amor e de sua dissolução cotidianamente. Sem qualquer juízo de celebração, ainda que o poema supracitado de Pucheu não se estruture aos mesmos moldes de uma peça como “Soneto de Separação”, de Vinícius de Moraes, com um esquema rítmico demarcado e com a exploração de rimas, que paradigmaticamente representaria uma atitude diante do poético diversa da proposta lírica de Pucheu, mantém-se, no entanto, o trato poético para o tema da separação amorosa a partir de uma estruturação inespecífica do arranjo poético com problematização acerca das razões que levam à separação e à dificuldade de compreensão da mesma, como simples cerceamento físico de separação de corpos. É interessante percebermos que a troca entre e-mails e a utilização de seus motivos tornam-se substrato para a construção dos poemas.

O poema supracitado constitui-se de um diálogo entre o conteúdo do primeiro e-mail - emitido pelo escritor Cláudio Oliveira ao poetas Pucheu e Caio Meira e ao ciclista Francisco Bosco - e a resposta deste e-mail dada por Pucheu. Este reinsere a escrita do primeiro e-mail para a partir dela problematizar as razões da dificuldade de os corpos se separarem quando há um certo envolvimento duradouro entre eles. Destarte, é tematizada a instância propriamente física do amor - enquanto os corpos desatados no presente, por muito tempo unidos, sentiriam os impactos desta separação - e uma instância entendida como “alguma coisa que por fora /dos corpos, fala mais alto alguma coisa que/ por fora dos corpos, insiste em ser ainda/ mais escutada do que os corpos/ alguma coisa que insite em uivar.” (Pucheu, 2013. p. 96). Da luta entre essas instâncias, uma mais instintiva, e ou mais racional, o eu poético, imiscuído autobiograficamente à fala poética do escritor Alberto Pucheu questiona “essa obrigação de os ter de separar”, referindo-se aos corpos. Desse embate, o poema encerra questionando o porquê de os uivos exteriores aos corpos (os elementos determinantes da separação amorosa) sobrepreem-se aos “uivos dos corpos” que revelariam a reconsideração do ato da separação frente à dificuldade imposta por essa, quando os corpos separados sentem necessidade um do outro, a despeito de qualquer motivo extracorpo que tenha sido o estopim para a separação amorosa.

Em “Anotações de turismo e lazer”, poema que se forma a partir de fragmentos temáticos que relaciona o filosófico com a observação do cotidiano, entre outras questões como o próprio processo de constituição de um poema, aparece a imagem de uma folha na qual vem inscrito um poema. Esta folha está amassada, jogada sobre a cama, o que denota que o exercício poético se relaciona com um processo de reelaboração. Os versos que antecedem a imagem anexada à tessitura do poema - que passa também a constituí-lo - sinaliza que há um momento em que o poeta dá o poema por concluído, mas nem sempre isso depende de algo voluntário, mas, por vezes, de uma necessidade que emerge do próprio poema. Com que isso a imagem evidencia o que os versos informam:

[...] Um poema só acaba quando, lançado em algum lugar - em cima da cama, por exemplo -, um gato vai inesperadamente deitar-se em cima dele, passando-lhe seu calor. Um poema precisa desse calor, sem o quê não é um poema, ao menos, um poema dos que gosto. (Pucheu, 2013, p. 75).

Posposta a esses versos, surge a seguinte imagem, que constituirá também a tecitura do poema:



(Pucheu, 2013, p. 75)

Essa imagem, assim como a estrutura do e-mail de que se constitui outro poema transcrito, inova os meios expressivos do lirismo contemporâneo ao fundir-se na tessitura dos poemas outros suportes, que anteriormente eram facilmente concebidos como extrínsecos à matéria poética e, neste momento, fundem-se nesta, revelando a pluralidade da poesia contemporânea brasileira a qual está direcionada a uma poesia constituída a partir de uma *estética do comum*, da *mediania*, tal como pontuado por Pedrosa (2008), no sentido de que a poesia busca por renovação em sua configuração, tendo em vista a sua perda de *capital simbólico* quanto à sua relevância cultural.

Ao se aproximar de outros suportes, não sendo lida apenas de forma impressa, circulando por sites e blogs variados, entre outras mídias, como sugere o convite já transcrito nos versos “Gostaria de convidá-los a visitar meu site: www.albertopucheu.com.br”, a poesia contemporânea tende a girar em torno de um mesmo horizonte de expectativas entre leitor e poesia, a partir da renovação de seus meios expressivos. Sem deixar de resgatar um parâmetro lírico já constituído ao longo da tradição poética, a poesia de Pucheu, revela-se contemporânea, ao se renovar enquanto linguagem híbrida que mescla diferentes atitudes diante do poético, algumas nem tão novas, como a própria ideia da prosa, já largamente desenvolvida no Modernismo brasileiro, associada à escrita da poesia. A própria questão do verso livre, algo revolucionário para o contexto do Modernismo, torna-se trivial na contemporaneidade, visto que não rimar, não obedecer a esquemas ritmos determinados, entre outras questões estruturais do poético é, no contexto lírico atual, uma constante.

Mais uma vez a poesia se entrega à marcha da prosa e, para Siscar, esse sintoma da escrita da poesia contemporânea revela que “Assumir a prosa é caminhar, como diz Alferi, na direção de um ideal baixo da poesia, é deslocar-se da mistificação de altura e do sublime, atribuída à tradição poética e ao nome ‘poesia.’” (Siscar, 2016, 167). Com isso, na indicação desta poética do comum que foge do sublime, o início do referido perfil poético começa com uma descrição de Pucheu e de sua inclinação para escrita, mesmo em suas horas de lazer:

Dessa vez ele está de férias e não deveria estar escrevendo, mas há alguns anos, é então que ele mais escreve poemas. No momento, ele não está escrevendo nada. Nem ensaios, nem poemas. Ele está de férias. Não há motivos para trabalhar durante as férias. A tarde começa a escurecer. Um cachorro late. A primeira estrela aparece diante da varanda. **Eu não estou com ele, mas sei que estas coisas estão acontecendo.** Quando vier a noite, ele tomará um vinho. Não faz muito tempo, saiu da piscina. Tomou banho. Fez a barba. Até pensou em escrever, mas mudou de ideia. (Pucheu, 2013, p. 51, grifo nosso).

Esse trecho de poema entrega-se totalmente ao exercício da prosa com uma sintaxe com frases curtas, entremeada por sentenças diretas conectadas pelo emprego do ponto final. E, para Siscar, “[a]proximar-se da prosa seria uma maneira de dar um passo em direção ao real, da imediatez antes excluída pelo sentido de “mistério”; significaria abandonar a autocomplacência sublimadora que desdenha da vida e de suas múltiplas vozes.” (Siscar, 2016, p. 167). Essa característica de pertencimento ao relato do cotidiano para a partir dele nascer o poético é algo intensamente produtivo na poética pucheuniana, em que mesmo os poemas escritos numa estrutura de versos mais tradicionais, em termos visuais apelam para a discussão do real, do banal, daquilo que nos atravessa cotidianamente: aventuras esportivas, transportes urbanos, desigualdades, violências, estagnações, entre tantos outros elementos que configuram uma dada realidade cotidiana fundida na tessitura dos poemas.

A continuidade do *perfil parcial* aludido compreenderá a rememoração a partir do início da vida profissional de Pucheu enquanto professor que dava aulas na Gama Filho. E o relato ressaltará a morosidade do trabalho que incluía muitas horas de indas e vindas entre o deslocamento de casa até o trabalho. Destas viagens, a vida cotidiana solta aos borbulhões nos pregões dos vendedores ambulantes e na observação apurada de Pucheu, de tudo a sua volta, inclusive da leitura de frases soltas de um jornal, folhado por um passageiro do trem. Assim, aquilo que antecede a escrita dos poemas, a sua matéria-prima, propriamente dita, é evidenciada no trecho a seguir, ao admitir uma linguagem poética que se efetivará a partir do mosaico das anotações feitas por tudo o que observava Pucheu em seus trajetos entre casa e universidade:

Subitamente só havia as palavras dos vendedores e do jornal à sua volta. Todo o trem parecia se resumir a estas palavras. Foi quando tirou uma caneta e um papel da pasta que carregava com os livros e começou a reproduzir fielmente tais frases, as que lia no jornal e a que escutava no trem. Um misturadas às outras no tempo real da leitura e da escuta. (Pucheu, 2013, p. 53)

Dessas observações surgem os arranjos, como uma espécie de adensamento para o espaço dos poemas daquilo que o poeta lê e escuta ao empreender uma pesquisa acerca do cotidiano que o cerca. Entre recortes de falas e escritas cotidianos, além do diálogo do poético com outras linguagens, os arranjos iam-se configurando, como uma espécie de alteridade, na imersão da voz do outro, como evidencia o seguinte trecho:

Foi assim que começou o que depois Alberto Pucheu passou a chamar de arranjos e eu disse um dia a ele em um bar que com esses arranjos ele inventaria algo como um ele lírico. Talvez fosse melhor dizer que ele inventaria algo como uns eles líricos. (Pucheu, 2013, p. 53).

Com tais arranjos, o eu deixa-se invadir por outras vozes, como a expressa neste *Perfil parcial de um procedimento escrito por Caio Meira*. E também a escrita poética se torna espaço intervalar onde ocorre a experimentação entre recursos variados, colhidos da linguagem corrente, constitutivos de arranjos feitos

com e-mails que os amigos enviavam para ele, com conversas de chats da Internet e com pedaços de conversas ouvidas de transeuntes, depois mesmo daquele livro louco que ele fez só com arranjos e que, quando pronto, antes de publicá-lo enviou por e-mail a muitos amigos e como respostas dos amigos fez o arranjo do posfácio de *Já que não cabeça nem lugar para o que passa (tudo na vida é passatempo)*, ao qual chamou de “A crítica dos arranjos como arranjo da crítica”, teve a ideia de usar os e-mails dos amigos mais íntimos. (Pucheu, 2013, p. 54).

Por fim, ainda no final deste perfil poético alusivo ao escritor Caio Meira, é feita uma associação entre estética poética pucheuneana e a presença de críticos como Marjorie Perloff e Kenneth Goldsmith, de modo a evidenciar que a escrita de Pucheu antecede procedimentos sistematizados pela crítica como *procedimentos não criativos* ou *ideia de gênio não original*. Esse

diálogo entre o exercício poético e a discussão dos meandros de sua constituição é uma constante na poética contemporânea. Em particular em *Mais cotidiano que o cotidiano*, os poemas também se arquitetam a partir de uma discussão do metapoético. E, nesta perscrutação em torno do metaliterário, o literário e o filosófico tendem mais a se identificar no que tange a estética de Pucheu, em que poesia e filosofia ligam-se pela fundição de uma linguagem que incita mais perguntas que respostas, instaurando mais indagações do que certezas.

Considerações finais

A título de fechamento desta análise que empreendemos acerca de alguns aspectos da poesia de Pucheu, que revelam a sua contemporaneidade, relacionamos a obra lida e analisada do autor a um estudo crítico empreendido por Pucheu intitulado “Poesia, Filosofia e Política” (2018). Nele, o poeta e crítico assevera algo bastante presente em sua poesia, quanto ao caráter de impotência do poema:

A estranheza muda do poema significa que, diante da força dos que “lideram o mundo”, o poema, mesmo falando, é, estranhamente, “mudo”, impotente, não conseguindo fazer ouvir sua voz de modo a transformar a conjuntura do mundo, sendo mudo para o mundo, que é um excesso para o poema, mas, indubitavelmente, é sua mudez que, em nome da vida, pode ainda, resistir, contra aqueles que, insistentemente, a aniquilam e, rebaixando-a, a inferiorizam. (Pucheu, 2018, p. 100).

Esta consideração de Pucheu dialoga com o seu exercício poético, pois em se tratando de *Mais cotidiano que o cotidiano* o que vislumbramos é a busca pelo exercício poético como forma de expressar uma voz que se ergue em meio às forças a que Pucheu teme e repudia, conforme já apresentado em versos do poema “Tow-in.”. Os versos “Por isso volto sempre para cá/para estas ondas mostruosas/em cujos topos me sinto maior/ do que os penhasco que me espreitam/ por sobre as cidades e arranha-céus” (Pucheu, 2013, p. 15), alinhados a estes outros versos, também transcritos do poema inicial desta obra em análise: “Sigo o que eles seguem, mas/ embora afeito às águas/ meu ambiente é outro. É às palavras que/acordado ou dormindo me submeto” (Pucheu, 2013, p. 15), sinalizam que o fazer poético, tal qual a prática de Tow-in, requer perícia, conhecimento acerca do manuseio com a prancha-poema. E, sobretudo, saber driblar ondas cotidianas variadas, emblemáticas de tudo aquilo que devemos enfrentar para seguirmos em frente, desde pequenos obstáculos a realidades aparentemente intransponíveis. Ainda que o poema se mostre impotente para mudar as realidades aterradoras propriamente ditas e o poeta evidencia esta consciência, torna-se, no entanto, espaço de enfrentamento e constatação das mesmas.

Referências

Alferi, P. Rumo à prosa. *Alea: Estudos Neolatinos*, v.15, n.2, p. 423-427, 2013.

Agamben, G. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinicius Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

Bourriaud, N. *Pós-produção*. São Paulo: Editora Martins, 2009.

Garramuño, F. *Frutos estranhos: Sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

Homsi, P. O languageman. *Revista Cult*, n. 187, p. 56. Resenha virtual. Disponível em: <http://www.albertopucheu.com.br/livros/mat_cotidiano_languageman.pdf>. Acessado em: 25 de fev. 2021.

Lemos, M.; Glenadel, P. Apresentação - Rumo à prosa. *Pierre Alferi: Estudos Neolatinos*, v.15, n.2, p. 423-427, 2013.

Maulpoix, J-M. *La poésie française depuis 1950*. Jean-Michel Maulpoix & Cie. 2021. Disponível em: <<https://www.maulpoix.net/Diversite.html>>. Acesso em: 20 de fev. 2021.

Malufe, A. A poesia-em-crise ou a indecisão da forma. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n.8, julho de 2012.

Monteiro, A.; Neto, E. Poesia e prosa porosas: um manifesto de Alberto Pucheu em favor da criação. *Signótica*. Goiânia, v. 29, n.1, p. 242-258, jan./jun.2017.

Oliveira, E; Malvaccini, R. Poesia, pensamento e expansões intermediáticas em Alberto Pucheu. *Ipotesi*, Juiz de Fora. V. 23, n.2, p. 187-197, jul./dez. 2019.

Pedrosa, C. A poesia e a prosa do mundo. *Gragoata*, Niterói, RJ, n. 28, p. 27-40, 2010.

Pedrosa, C. Poesia contemporânea: crise, mediania e transitividade. In: Pedrosa, C.; Alves, I. (org.). *Subjetividades em devir: estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

Pucheu, A. Do começo ao fim do poema. *Boletim de Pesquisa NELIC*, V.9, Nº 14, p. 22-53, 2009.

Pucheu, A. *Mais cotidiano que o cotidiano*. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2013.

Pucheu, A. Poesia, filosofia, política; Por entre o verso e a prosa, por entre... uma matéria informe. *Que porra é essa: poesia?* Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2018.

Siscar, M. A cisma da poesia brasileira contemporânea. *Sibila Revista de Poesia e Cultura*, Cotia, SP, n.8-9, p.41-60, 2005.

Siscar, M. Figuras da prosa: a ideia da "prosa" como questão de poesia. *De volta ao fim: o "fim das vanguardas" como questão da poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

Zacca, R. Um ponto cego nos dias. *Revista Usina*, 14. edição, Poesia, janeiro, 2005. Disponível em: <<https://revistausina.com/14-edicao/um-ponto-cego-nos-dias/>>. Acessado em: 25 de fev. 2021.

Recebido em: 07/03/2024

Aceito em: 22/07/2024